

A (inter)relação entre o descritivo e o narrativo em um infográfico de divulgação científica

The (inter)relationship between the descriptive and the narrative in an infographic of scientific popularization

Érica Ehlers Iracet¹

ericairacet@gmail.com

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO - Este trabalho pretende analisar como operam e se inter-relacionam os modos de organização *descritivo* e *narrativo* em um infográfico de divulgação científica cujo fim discursivo é o de explicar como se originou o sistema solar. As categorias analíticas utilizadas para o estudo desses dois modos discursivos na produção do infográfico em questão encontram embasamento teórico na Teoria Semiolinguística de estudo do discurso, proposta por Patrick Charaudeau, e na Análise Textual dos Discursos, postulada por Jean-Michel Adam. Após a análise, fica evidente a relação intrínseca entre as ações discursivas de *descrever* e de *contar*. No caso específico do material analisado, identificam-se procedimentos descritivos – relacionados com a nomeação, qualificação, localização no espaço e situação no tempo de seres e objetos – responsáveis por fornecer o contexto e quadro interpretativo para a compreensão da sucessão de ações e eventos construída pela narrativa, que se apresenta como o relato da origem do sistema solar.

Palavras-chave: infográfico de divulgação científica, modo narrativo, modo descritivo.

ABSTRACT - This paper aims at analyzing the way descriptive and narrative modes operate and relate to each other in an infographic of scientific popularization whose discursive aim is to explain how the solar system was originated. The analytical categories used for the study of both discursive modes in the production of the infographic are based on the Semiolinguistics Theory of discourse study, proposed by Patrick Charaudeau, and on Textual Analysis of Discourse, postulated by Jean-Michel Adam. Upon the analysis, the intrinsic relation between the discursive actions of describing and narrating becomes evident. In the case of the material analyzed, specifically, descriptive procedures – related to nomination, qualification, location, and time-situation of creatures and objects – are identified as responsible for providing the context and the interpretative framework towards the comprehension of the succession of actions and events constructed by the narrative, which is presented as the report about the origin of the solar system.

Keywords: scientific popularization infographic, narrative mode, descriptive mode.

Introdução

Nos últimos anos, a infografia tem ocupado um espaço significativo na mídia em geral, tanto impressa quanto *on-line*. Definindo-a como “a apresentação impressa de um binômio imagem + texto, qualquer que seja o suporte onde se apresenta essa união informativa: tela, papel, plástico, barro, pergaminho, papiro, pedra”, De Pablos (1999, p. 19) defende a necessidade da infografia para a sobrevivência da mídia, à medida que presta a uma facilitação da informação jornalística e pode ser utilizada como uma estratégia eficiente de captação do interesse do público-leitor.

Ao produto ou artefato criado por meio da infografia convencionou-se chamar *infográfico*. Carvalho e Aragão (2012, p. 163) conceituam o infográfico como “um artefato produzido no intuito de comunicar uma

mensagem, que resulta de uma interpretação de dados contextualizados visualmente através da integração de texto, imagens e/ou formas”. Nesse sentido, um infográfico se configura como uma unidade de comunicação autônoma que, embora possa manter relações com um contexto mais amplo (uma reportagem, por exemplo), não depende da leitura prévia e completa desse contexto para ser compreendida - como é o caso de ilustrações simples, fotografias e legendas, que apresentam relação de dependência semântica com o texto principal a que se referem.

Como pesquisadora integrante do Grupo Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e voltado ao estudo de gêneros textuais-discursivos inseridos na esfera da divulgação científica midiática (doravante, DCM), tenho observado a presença cada vez mais frequen-

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-750, São Leopoldo, RS, Brasil.

te dos infográficos nos mais variados veículos midiáticos brasileiros envolvidos com a atividade de popularizar o conhecimento científico. Revistas como *Superinteressante*, *Galileu* e *Mundo Estranho*, por exemplo, chegam a ter seções inteiras voltadas à publicação de infografias sobre diversas temáticas relacionadas à ciência, destinadas tanto ao público adulto quanto ao infantil.

Apresentando, geralmente, a explicação de determinados fenômenos ou temas científicos como seu fim discursivo, essas produções, em sua maioria, organizam-se de maneira descritiva, nomeando, qualificando e situando fatos, eventos ou ações. Contudo, não é raro encontrar infográficos, na DCM, que realizam suas finalidades discursivas também por meio de narrativas e relatos, de modo a dar conta de sucessões cronológicas de acontecimentos que exercem certo impacto na forma como se configuram os fenômenos/temas em questão e, portanto, na própria explicação.

Este trabalho, em particular, pretende analisar como operam e se inter-relacionam os modos de organização *descritivo* e *narrativo*, em um infográfico de divulgação científica cujo fim discursivo é o de explicar como se originou o sistema solar. As categorias analíticas utilizadas para o estudo e a verificação da utilização desses dois modos discursivos na produção do infográfico em questão, levando-se em consideração tanto texto quanto imagem, encontram embasamento teórico na Teoria Semiolinguística de estudo do discurso, proposta por Charaudeau (2014), e na Análise Textual dos Discursos, postulada por Adam (2011).

A seguir, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, no que diz respeito à caracterização dos modos de organização discursivos *descritivo* e *narrativo* (Charaudeau, 2014) e das sequências textuais *descritiva* e *narrativa* (Adam, 2011). As seções seguintes serão destinadas aos procedimentos metodológicos empregados, às análises propriamente ditas e à discussão dos resultados e considerações finais.

O descritivo e o narrativo: modos de organização do discurso e sequências textuais

Conforme anunciado na seção anterior, os princípios e características de composição dos modos *descritivo* e *narrativo* são abordados, neste trabalho, a partir de uma dimensão discursiva – amparada pela Teoria Semiolinguística e pelos estudos do discurso de Charaudeau (2014) – e de uma perspectiva textual – ancorada na Análise Textual dos Discursos, da forma como é proposta por Adam (2011). Procura-se, assim, enfatizar o caráter indissociável da relação entre texto e discurso, assumindo-se a premissa de que os aspectos discursivos e situacionais moldam o texto, que, por sua vez – e por meio das marcas e procedimentos linguísticos que expõe –, remete ao universo de discurso no interior do qual é produzido.

Charaudeau (2014) utiliza o termo *descritivo* para se referir a um procedimento discursivo que se opõe – mas, ao mesmo tempo, se combina na formação dos textos – a dois outros, o *narrativo* e o *argumentativo*. Para o linguista, a diferença entre os três procedimentos, ou *modos*, reside, basicamente, na definição das ações evocadas por cada um, quais sejam: *descrever*, *contar* e *argumentar*.

Explorando a oposição e a relação entre *contar* e *descrever*, o autor afirma que, enquanto a primeira ação refere-se à exposição de fatos e/ou eventos advindos da ordem da experiência, a segunda – *descrever* – “consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam” (Charaudeau, 2014, p. 111, grifo do autor). Todavia, conforme Charaudeau (2014), as duas categorias de ação, embora diferentes em suas essências e funções, possuem ligação estreita uma com a outra, uma vez que a atividade de *contar*, para que tenha sentido, necessariamente implica a nomeação, a localização e a qualificação de seres, acontecimentos e/ou ações.

Em relação ao par *argumentar* x *descrever*, a diferença, para o linguista, está na presença de ligações de causa e efeito entre fatos e acontecimentos na primeira ação, e em sua ausência na segunda. Contudo, novamente, há aqui uma necessidade de combinação, pois “*descrever* e *argumentar* são atividades estreitamente ligadas, na medida em que a primeira toma emprestado à segunda um certo número de operações lógicas para classificar os seres [...], e a segunda só pode exercer-se a respeito de seres que têm uma certa *identidade* e *qualificação*” (Charaudeau, 2014, p. 112, grifo do autor).

Sintetizando, então, a diferença e, ao mesmo tempo, a relação estreita entre o *narrativo*, o *argumentativo* e o *descritivo*, Charaudeau (2014, p. 112) assevera:

Em resumo, diremos que os três modos de organização contribuem igualmente para construir textos, *contar* o fato *testemunhando* uma experiência, *argumentar* *demonstrando* relações, *descrever* *identificando* e *qualificando* os seres (grifos do autor).

Tendo, por meio da oposição e da relação com os outros modos, definido o conceito e a função do *descritivo*, o autor procede ao detalhamento dos três componentes da construção *descritiva*, já anunciados na definição do ato de *descrever*. Os três componentes – que servem de base para algumas das categorias analíticas adotadas neste trabalho – são, portanto: *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*.

Nomear, de acordo com Charaudeau (2014), consiste em “dar existência a um ser”, por meio da percepção de suas diferenças e semelhanças com os outros seres do universo, obedecendo, assim, a um princípio de classificação. É necessário, contudo, atentar para o fato de que esse processo de percepção e classificação passa, obviamente, pela visão de mundo do sujeito que o realiza, o que implica a questão de que “nomear não corresponde a um simples processo de etiquetagem de uma referência

preexistente”, mas ao “resultado de uma operação que consiste em *fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los*” (Charaudeau, 2014, p. 112, grifo do autor). Portanto, sob esse ponto de vista, *descrever* seria identificar consensualmente (de acordo com os códigos sociais) os seres do mundo, tendo em vista, porém, a possibilidade de limitação, coação e relativização dessa identificação pela finalidade da situação de comunicação e pelas intenções do sujeito descritor.

O segundo componente da construção descritiva, *localizar-situar*, corresponde, segundo o autor, à determinação do lugar que um ser ocupa no tempo e no espaço, à medida que esse ser dependa de sua posição espaço-temporal para sua existência ou função no texto. Novamente, Charaudeau (2014) salienta o ponto de que, embora o processo de localização-situação aponte para um recorte objetivo do mundo, não se pode negligenciar o fato de que tal recorte depende da visão social e cultural projetada sobre esse mundo.

Conforme já mencionado, “nomear” consiste em fazer os seres existirem por meio da identificação de suas propriedades constitutivas, operando-se uma classificação. Quanto ao terceiro, e último, componente do modo descritivo – *qualificar* – Charaudeau (2014, p. 115) afirma:

[...] consiste em atribuir a um ser, de maneira explícita, uma *qualidade* que o caracteriza e o especifica, classificando-o, desta vez, em um subgrupo.

Qualificar, portanto, assim como nomear, é reduzir a infinidade do mundo, construindo classes e subclasses de seres (grifos do autor).

Mais uma vez, é necessário ter em mente que a qualificação se trata de uma operação motivada pelo olhar que o sujeito descritor lança sobre os seres e o mundo, o que lhe implica um caráter largamente subjetivo. Nesse sentido:

Qualificar é, então, uma atividade que permite ao sujeito falante manifestar o seu *imaginário*, individual e/ou coletivo, imaginário da construção e da apropriação do mundo [...] num jogo de conflito entre as visões normativas impostas pelos consensos sociais e as visões próprias do sujeito (Charaudeau, 2014, p. 116, grifo do autor).

Definidos os três componentes da construção descritiva, a etapa seguinte consiste em identificar os procedimentos linguísticos responsáveis pela manifestação concreta – no discurso e, consequentemente, no texto – dos processos de nomeação, localização-situação e qualificação. Charaudeau (2014) elenca alguns dos principais procedimentos linguísticos que, utilizando uma ou mais categorias de língua, se combinam para implementar os componentes do modo descritivo:

- *Nomear*: (i) denominação (nomes comuns ou nomes próprios); (ii) indeterminação (atemporalidade e lugares não identificados); (iii)

atualização ou concretização (uso de artigos – efeitos de singularidade ou de familiaridade); (iv) dependência (uso dos possessivos – efeito de apreciação); (v) designação (uso dos demonstrativos – efeito de tipificação); (vi) quantificação (uso de quantificadores – efeito de subjetividade); (vii) enumeração (uso de dêiticos, de artigos ou de nomes no plural sem artigo).

- *Localizar-situar*: (i) uso de categorias de língua que têm por efeito fornecer um enquadre espaço-temporal ao relato (identificação dos lugares e da época); (ii) uso de categorias de língua que deixam os lugares e o tempo incertos, vagos, sem identificação particular.
- *Qualificar*: (i) acumulação de detalhes e precisões (maneiras de ser e de fazer); (ii) utilização da analogia (por correspondência – explícita ou implícita – seres do universo e suas qualidades).

Dessa forma, o linguista conclui que “*descrever* fixa imutavelmente *lugares* (Localização) e *épocas* (Situação), *maneiras de ser e de fazer* das pessoas, *características* dos objetos” (Charaudeau, 2014, p. 116, grifos do autor). A partir disso, segundo ele, fica clara a diferença, por exemplo, entre o *narrativo* – que expõe suas ações, necessariamente, em uma *sucessividade temporal* – e o *descritivo* – que constrói uma *imagem atemporal do mundo*, expandindo-se para fora do tempo.

Aproveitando essa distinção bastante clara e operacional, elaborada por Charaudeau (2014), entre os modos descritivo e narrativo, passa-se, neste momento, à exposição das contribuições desse autor no que diz respeito às peculiaridades e especificidades do modo de organização *narrativo*.

Para o linguista, o narrativo possui a função principal de “construir a sucessão de ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato” (Charaudeau, 2014, p. 75) e organiza-se de acordo com uma lógica narrativa, composta de actantes, processos e sequências, e com um processo de encenação narrativa.

Logo de início, Charaudeau (2014) assevera que “narrar” transcende os limites da simples descrição de uma sequência de fatos ou acontecimentos, como definem alguns dicionários e enciclopédias. Segundo ele:

Para que haja narrativa, é necessário um ‘contador’ (que se poderá chamar de narrador, escritor, testemunha, etc.), investido de uma intencionalidade, isto é, de querer transmitir alguma coisa (uma certa representação do mundo) a alguém, um ‘destinatário’ (que se poderá chamar de leitor, ouvinte, espectador, etc.), e isso, de uma certa maneira, reunindo tudo aquilo que dará um sentido particular à sua narrativa (Charaudeau, 2014, p. 153).

Assim, conclui-se que a narrativa consiste no resultado da colocação de uma sequência de acontecimentos contados em um *contexto*, o qual Charaudeau

(2014) define como um *universo contado*, decorrente do fato de o ato de narrar constituir uma atividade posterior à ocorrência de um ou de vários acontecimentos passados. O linguista salienta, ainda, que esse universo contado se distancia e, ao mesmo tempo, predomina sobre a realidade, provocando uma tensão entre o dever de fazer crer na verdade e na autenticidade dos acontecimentos narrados e a manutenção do aspecto ficcional, característica inerente a qualquer narrativa. Dessa tensão decorre, portanto, a premissa sustentada pelo autor de que “na narrativa não se sente necessidade de reivindicar a *invenção*; o que se procura é reivindicar o *verdadeiro*” (Charaudeau, 2014, p. 154), o que é costumeiramente resolvido por meio do emprego de estratégias que visam a “efeitos discursivos de realidade e ficção” (Charaudeau, 2014, p. 154).

Definindo a narrativa, por fim, como uma totalidade que une uma descrição de ações e qualificações e um contexto (ou universo narrado) – em outras palavras, um modo de organização descritivo e um modo de organização narrativo – o linguista distingue as funções dos dois modos de organização: enquanto o narrativo encarrega-se de levar “a descobrir um mundo que é construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento progressivo”, o descritivo, por sua vez, faz “descobrir um mundo que se presume existir como um *estar-aí* que se apresenta como tal, de maneira imutável [...], que necessita apenas ser *reconhecido*, basta ser *mostrado*”. (Charaudeau, 2014, p. 157). Além disso, deixando à mostra a influência dos estudos semióticos em sua teoria, o autor também aponta como característica específica do modo narrativo (em oposição, principalmente, ao descritivo) a finalidade última da atividade de *contar*, qual seja, a de representar a eterna *busca* por respostas aos questionamentos humanos.

Dessa forma:

[...] opostamente ao descritivo, que, de acordo com Charaudeau (2014), não ultrapassa a “superfície descritora”, não obedecendo a nenhum princípio de fechamento ou encadeamento, o narrativo organiza-se duplamente pela construção de uma sucessão de ações – uma **lógica narrativa**, responsável pela organização de uma trama – e pela realização de uma representação narrativa – ou **encenação narrativa** –, responsável pela criação do universo narrado. Essa dupla articulação, segundo Charaudeau

(2014), apresenta-se como um instrumento de análise de textos narrativos. Logo, é importante salientar que a organização da lógica narrativa está relacionada ao mundo referencial, enquanto a encenação narrativa está vinculada à construção do universo narrado. O linguista ainda chama a atenção para o fato de que os componentes e procedimentos, tanto da lógica quanto da encenação narrativa, devem ser considerados como um instrumento e não como um fim em si (Iracet, 2014, p. 31).

Em termos metodológicos, interessam particularmente a este trabalho os quatro princípios, estabelecidos pelo autor, que organizam as sequências de acontecimentos dentro da lógica narrativa: *princípio de coerência*, *princípio de intencionalidade*, *princípio de encadeamento* e *princípio de localização*.

O *princípio de coerência* determina que os acontecimentos ou ações de uma narrativa se organizem em uma sucessão em que cada um pressuponha os demais, de modo a haver uma sequência lógica e coerente na qual seja possível identificar uma abertura e um fechamento.

Além de se organizar de forma coerente, com abertura e fechamento, a sucessão de ações e acontecimentos precisa, segundo o *princípio de intencionalidade*, ter uma razão de ser – ou seja, precisa ser motivada. Essa motivação, segundo Charaudeau (2014, p. 168), é o que dá o sentido narrativo à sequência de eventos relatados e reside, basicamente, na “tomada de consciência, mais ou menos clara, por um sujeito, de uma *situação de falta* na qual ele se acha, situação que vai desencadear o *desejo/projeto de preencher essa falta (a busca)*” (grifos nosso). Esclarecendo o princípio de intencionalidade, o autor utiliza o esquema proposto pela Semiótica Narrativa (especialmente por C. Brémond), compartilhando a ideia de que toda sequência narrativa organiza-se em uma *triade de base* composta de: (i) um estado inicial, no qual um problema ou uma falta são instaurados; (ii) um estado de atualização, no qual uma busca pela solução do problema é empreendida; (iii) um estado final, em que o resultado da busca é apresentado, exprimindo êxito ou fracasso. Essa triade apresenta-se como no esquema da Figura 1.

O *princípio de encadeamento*, por sua vez, resulta da combinação entre os dois princípios anteriores e revela os modos pelos quais podem se encadear sequências variadas em uma estrutura narrativa mais complexa. Nesse

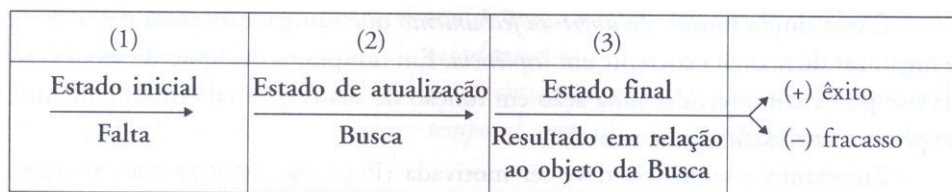


Figura 1. Tríade de base.

Figure 1. Basic triad.

Fonte: Charaudeau (2014, p. 168).

sentido, as sequências podem: (i) estar encadeadas em uma *sucessão* linear e consecutiva, em que o término de uma acarreta o início de outra; ou (ii) desenvolver-se de maneira autônoma, sem estabelecer entre si ligação de causa e efeito, de modo a comporem um *paralelismo*; ou (iii) estar em relação de *simetria*, desenrolando-se de maneira que a realização positiva de uma resulte na realização negativa da outra; ou, ainda, (iv) apresentar-se como microssequências *encaixadas* em uma sequência mais ampla.

Por fim, o *princípio de localização*, conforme Charaudeau (2014), é o que se ocupa do fornecimento de pontos de referência à organização narrativa, indicando a *localização* da(s) sequência(s) *no espaço*, bem como a sua *situação no tempo*.

Passando à exposição dos aspectos referentes à composição da *encenação narrativa* (a qual, junto com a lógica narrativa, faz parte do que o autor denomina como “dupla articulação do modo de organização narrativo”), interessam especificamente aos propósitos desta investigação os diferentes tipos de relação que Charaudeau (2014) estabelece entre os parceiros e protagonistas da encenação narrativa. Organizando um dispositivo da encenação narrativa, o linguista propõe um modelo – que se guia, claramente, pelo modelo de contrato de comunicação, uma das principais contribuições de sua Teoria Semiolinguística – no qual delimita a existência de um *espaço externo* (ou extratextual) ao texto narrativo e de um *espaço interno* (ou intratextual).

Segundo o autor, no *espaço externo*, estão os dois parceiros da troca linguageira: o *autor* e o *leitor* “reais”, caracterizados como “seres de identidade social” (Charaudeau, 2014, p. 184). Já no *espaço interno*, encontram-se os sujeitos da narrativa: o *narrador* e o *leitor-destinatário*, qualificados como “seres de papel” ou “de identidade discursiva” (Charaudeau, 2014, p. 184). Assim, no que tange às diferentes relações entre os parceiros e protagonistas da troca, e levando em consideração os dois espaços (externo e interno), Charaudeau (2014) formula as seguintes possibilidades:

- *Espaço externo*: (i) um AUTOR-INDIVÍDUO – que vive, age e tem experiências na vida social (não necessariamente com uma biografia pública ou reconhecida) – escreve a um LEITOR-REAL – convocado a receber e verificar a veracidade dos fatos em função de sua própria experiência – para *relatar o testemunho de uma história em contexto sócio-histórico*; OU (ii) um AUTOR-ESCRITOR – que possui, igualmente, experiência no mundo social e, além disso, uma biografia pública de

autor – escreve a um LEITOR-POSSÍVEL – convocado a demonstrar competência de leitura para receber e reconhecer o projeto de escritura – para *apresentar um projeto de escritura através de um processo de narração*.

- *Espaço interno*: (i) um NARRADOR-HISTORIADOR – responsável por recolher os fatos da realidade histórica e por construir uma história que seja fiel a essa realidade – escreve a um LEITOR-DESTINATÁRIO – que precisa receber e verificar a história contada como história real – para *representar objetivamente uma história que pertence à realidade histórica*; OU (ii) um NARRADOR-CONTADOR – responsável por inventar uma história fictícia, de acordo com sua própria fantasia – escreve a um LEITOR-DESTINATÁRIO – que precisa receber e compartilhar a história contada como história inventada – para *apresentar a construção de uma história que pertence ao mundo da ficção*.

Retomadas as características dos modos descritivo e narrativo em uma perspectiva discursiva e semiolinguística, procurar-se-á, a partir deste ponto, apresentar um breve levantamento das postulações realizadas por Adam (2011), que, sob o prisma da linguística textual, se ocupa das formas e estruturas que esses modos assumem quando manifestados no texto.

No âmbito de sua Análise Textual dos Discursos, Adam (2011) concebe a estrutura de um texto como uma cadeia de macroproposições que ultrapassa a simples combinação linear de proposições-enunciados² e resulta do agrupamento dessas proposições em unidades textuais complexas: os períodos e as sequências. Enquanto os períodos constituem unidades de organização mais frouxas, as sequências apresentam uma estrutura mais complexa, caracterizando-se como unidades textuais tipificadas:

De amplitude potencialmente menor que as sequências, os períodos são unidades que entram diretamente na composição das partes de um plano de texto. As sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos de proposições-enunciados: as macroproposições (Adam, 2011, p. 204).

Segundo Adam (2011, p. 205), essas macroproposições distribuem-se em uma rede hierárquica, na qual “cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras”. Em decorrência disso, a sequência configura-se como uma estrutura autônoma, com organização interna própria, situada em uma relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo – o texto.

² Para Adam (2011), a unidade textual elementar é a proposição-enunciado, a qual, sendo considerada o produto de um ato de enunciação, reúne propriedades sintáticas e semânticas, constituindo uma microunidade sintática e, ao mesmo tempo, uma microunidade de sentido (Iracet e Giering, 2015).

Em seguida, o linguista elenca cinco tipos de sequência: narrativa, argumentativa, explicativa, descritiva e dialógica. Essas formas de organização textual associam-se a diferentes macroações discursivas “que estão impregnadas na cultura – por meio da leitura, escuta e produção de textos – e, por isso, podem ser facilmente transformadas em esquemas de reconhecimento e de estruturação da unidade global do texto” (Iracet e Giering, 2015, p. 199).

O estudioso do texto deixa claro, no entanto, que a *descrição* comporta-se de maneira um tanto distinta dos outros tipos de sequência, estando, na verdade, situada em um meio-termo entre o período e a sequência: “diferentemente dos outros quatro tipos de sequência, a descrição não comporta uma ordem de agrupamento das proposições-enunciados em macroproposições ligadas entre si. Tem, por isso, uma frágil caracterização sequencial” (Adam, 2011, p. 216).

Em outras palavras, pode-se dizer que a descrição, para Adam (2011), não segue o princípio de organização hierárquica de macroproposições, como as demais sequências, e que suas partes componentes, por conseguinte, não dependem umas das outras para que possam adquirir sentido. Contudo, o autor salienta o fato de que a caracterização da descrição como uma organização textual que não atende completamente aos pré-requisitos para ser classificada como um período ou como uma sequência – mas que orbita entre as duas classes – não negligencia, de forma alguma, sua importância e seu papel na composição do texto e no cumprimento da finalidade discursiva deste:

Do caráter indissociável de um conteúdo descritivo e de uma posição enunciativa que orienta, argumentativamente, todo enunciado, decorre o fato de que um procedimento descritivo é inseparável da expressão de um ponto de vista, de uma visada do discurso (Adam, 2011, p. 217).

Em seguida, o linguista elenca algumas operações de base que, segundo ele, são geradoras de proposições descritivas, as quais, por sua vez, podem agrupar-se em períodos de extensão variável regulados por um plano de texto. São elas:

- *Operação de tematização*: “dá unidade a um segmento e faz dele um período tão fortemente característico que aparece como uma espécie de sequência” (Adam, 2011, p. 218). Essa operação tem a ver, basicamente, com a delimitação do tema (ou objeto de discurso) sobre o qual se desenvolve o período e é marcada, linguisticamente, por nomeações específicas, responsáveis por fornecer um enquadramento ao objeto de discurso. A denominação imediata do objeto que abre e anuncia um período descritivo chama-se *pré-tematização* ou *ancoragem*; à denominação

adiada do objeto, apenas ao final da sequência, dá-se o nome, no quadro da ATD, de *pós-tematização* ou *ancoragem diferida*; e, por fim, uma nova denominação do objeto, responsável pelo reenquadramento deste ao final da sequência, recebe o nome de *retematização* ou *reformulação*.

- *Operação de aspectualização*: configura-se por meio da *fragmentação* (ou *partição*) – “seleção de partes do objeto da descrição” (Adam, 2011, p. 220) – e da *qualificação* (ou *atribuição de propriedades*) – “evidencia propriedades do todo e/ou das partes selecionadas pela operação de fragmentação” (Adam, 2011, p. 221).
- *Operação de relação*: engloba duas sub-operações: *relação de contiguidade* – situação temporal ou espacial do objeto de discurso – e *relação de analogia* – colocação do objeto, ou de suas partes, em relação com outros objetos ou indivíduos.

Na perspectiva desta investigação, e tendo em vista seus objetivos e a delimitação de categorias analíticas que possibilitem o cumprimento destes, parece bastante produtiva uma tentativa de aproximação entre os componentes da construção descritiva – *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar* – propostos por Charaudeau (2014) e as operações descritivas – *tematização*, *relação* e *aspectualização* – delineadas por Adam (2011). Embora as primeiras se constituam como ações discursivas, e as últimas, como marcas textuais, é interessante perceber a relação direta que se pode estabelecer entre elas. Nesse sentido, basta uma leitura conjunta dos dois autores e de suas teorias para deduzir que a ação de *nomear* é realizada, textualmente, por meio das *operações de tematização*; da mesma forma, as ações de *localizar-situar* e de *qualificar* são atualizadas, no texto, pelas *operações de relação* e de *aspectualização*, respectivamente.

Após abordar as características e operações textuais referentes à descrição, Adam (2011) volta sua atenção à estrutura da sequência narrativa. Inicia sua exposição afirmando que:

Em sentido amplo, toda narrativa pode ser considerada como a exposição de ‘fatos’ reais ou imaginários, mas essa designação de ‘fatos’ abrange duas realidades distintas: eventos e ações. A ação se caracteriza pela presença de um agente – ator humano ou antropomórfico – que provoca ou tenta evitar uma mudança. O evento acontece sob o efeito de causas, sem intervenção intencional de um agente (Adam, 2011, p. 224).

Estabelecendo certa relação com a definição de narrativa postulada por Charaudeau (2014) – em que a narrativa é concebida como uma totalidade que atribui um contexto (ou universo narrado) a uma descrição de ações e qualificações –, Adam (2011) introduz uma outra noção: a de *grau de narrativização*.

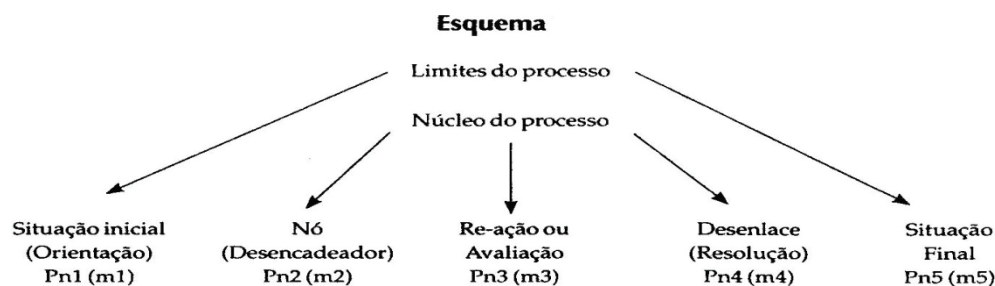


Figura 2. A sequência narrativa e suas macroproposições.

Figure 2. Narrative sequence and its macro propositions.

Fonte: Adam (2011, p. 225).

De acordo com este linguista, o grau de narrativização permite classificar as narrativas em, basicamente, dois subtipos (ou submodos) de organização distintos: em simples enumerações de ações e/ou eventos, as quais apresentam um *baixo grau de narrativização* (que convencionamos, aqui, chamar de *narrativa-relato*); ou em tramas complexas, que correspondem a um *alto grau de narrativização* (que optamos por denominar *narrativa-sequência*). Assim, Adam (2011) não considera como narrativas apenas as organizações sequenciais, definidas pela construção de uma trama com algum tipo de perturbação, mas também os relatos lineares, que, apoiados na descrição, dão conta de uma sucessão cronológica de fatos (ações ou eventos) passados. Esta proposta de investigação vale-se da posição de Adam (2011), considerando ambos os submodos de organização narrativa – relato e sequência (Iracet, 2014, p. 33).

As tramas complexas, com alto grau de narrativização, apresentam uma estrutura composta de cinco macroproposições narrativas de base (Pn) – situação inicial (Pn1), nó desencadeador (Pn2), re-ação ou avaliação (Pn3), desenlace/resolução (Pn4) e situação final (Pn5) –, correspondentes ao que Adam chama de “cinco momentos (m) do aspecto” (Adam, 2011, p. 224): antes do processo (m1), início do processo (m2), curso do processo (m3), fim do processo (m4) e, finalmente, depois do processo (m5). Na Figura 2, as macroproposições podem ser visualizadas em esquema.

É importante salientar, da maneira como faz Adam (2011), que, embora existam sequências textuais em que a narrativa subdivide-se, claramente, nessas cinco macroproposições, há outras em que algumas dessas partes são ignoradas ou omitidas. Esse fato dá origem a uma outra classificação proposta pelo autor, em que a sequência narrativa pode ser: (i) *fortemente segmentada*, caso apresente todas as macroproposições de base; ou (ii) *fracamente segmentada*, se privilegiar apenas algumas delas, suprimindo outras. De todo modo, para o linguista, em qualquer sequência narrativa, sempre deverá ser possível a identificação de um núcleo (ou nó) e de um desenlace.

Não se pode deixar de observar, mais uma vez, indícios de alinhamento entre as perspectivas de Adam

(2011) e de Charaudeau (2014), para quem toda a narrativa gira em torno de uma situação de falta (a qual poderia ser colocada em correspondência ao nó – ou perturbação – da sequência narrativa quinária) e do processo de busca por soluções para essa situação (que pode, sem sombra de dúvida, ser traduzido, textualmente, pelas fases de re-ação/avaliação e de resolução da sequência).

Metodologia

Para os fins deste trabalho, analisa-se um infográfico de divulgação científica publicado na Edição 282 da *Revista Superinteressante*, em setembro de 2010, sob o título *Como nasceu o sistema solar*. Conforme estabelecido na seção introdutória, a proposta deste artigo é identificar e detalhar o modo como se configuram e se inter-relacionam a descrição e a narração que organizam o conteúdo da infografia, tendo em vista o fim discursivo de explicar, a um público-leitor não especializado em ciência, a origem do sistema solar.

Tendo como base os princípios e classificações estabelecidos por Charaudeau (2014) e Adam (2011), as categorias utilizadas para a análise do infográfico em questão são as seguintes:

- para o estudo do modo *descritivo*: procedimentos de *nomeação/tematização, localização-situação/relação, qualificação/aspectualização*;
- para o estudo do modo *narrativo*: princípios de *coerência, intencionalidade* (triade de base), *encadeamento e localização*; *grau de narrativização*; *macroproposições narrativas* (estrutura quinária da sequência narrativa).

A partir da análise qualitativa do infográfico *Como nasceu o sistema solar* em relação às categorias acima dispostas, procura-se examinar a relação entre os modos descritivo e narrativo – ou entre a descrição e a narrativa – e seu papel no cumprimento da visada discursiva do texto.

Análise: o caso do infográfico *Como nasceu o sistema solar*, da Superinteressante

Para facilitar a apresentação e a compreensão da análise, o infográfico *Como nasceu o sistema solar* (Superinteressante, edição 282, set./2010) é reproduzido na Figura 3.

Em primeiro lugar, é importante justificar a classificação do gênero reproduzido acima como infográfico. À parte a etiqueta estampada pela própria sessão da revista em que se encontra o material (“infográfico”, no canto superior esquerdo), é possível verificar a combinação texto (título, linha de apoio, intertítulos, blocos de informação e legendas) + imagem (ilustrações do sistema solar, da nuvem de poeira estelar, da explosão e da formação do Sol, dos planetas e microplanetas, da Lua e do cinturão de asteróides) + formas (setas e traços indicando processos e correspondências com as informações veiculadas nos blocos de texto). Além disso, pode-se evidenciar a necessidade de uma leitura igualmente combinada dos três componentes (texto, imagem e formas), uma vez que todos concorrem – de forma conjunta – para a constituição do quadro interpretativo e, conseqüentemente, para o

cumprimento do fim discursivo de explicar de que forma se originou o sistema solar.

Dito isto, passa-se à identificação da *construção descritiva* que compõe o infográfico, evidenciando-se marcas e indícios das operações de *tematização*, *aspectualização* e *relação*, as quais revelam, na tessitura do texto, as ações discursivas de *nomear*, *qualificar* e *localizar-situar* seres e objetos, respectivamente.

A nomeação, por meio das operações de tematização, está abundantemente marcada no texto. No título, o leitor já é “avisado” do macro-objeto de discurso do texto – o *sistema solar*. Na linha de apoio, novos objetos são tematizados – *Sol*, *planetas*, *nuvem de gás e poeira*, *explosão nuclear* – todos relacionados à origem do sistema solar, tema central do infográfico:

- Iniciando-se a leitura da esquerda para a direita, no primeiro bloco de texto (sob o intertítulo *Ziggy Stardust*), fica claro que o objeto de discurso introduzido/nomeado por pré-tematização é “uma nuvem de 3 trilhões de quilômetros”, que, ao final do bloco, é retematizado para “a tal poeira das estrelas”.

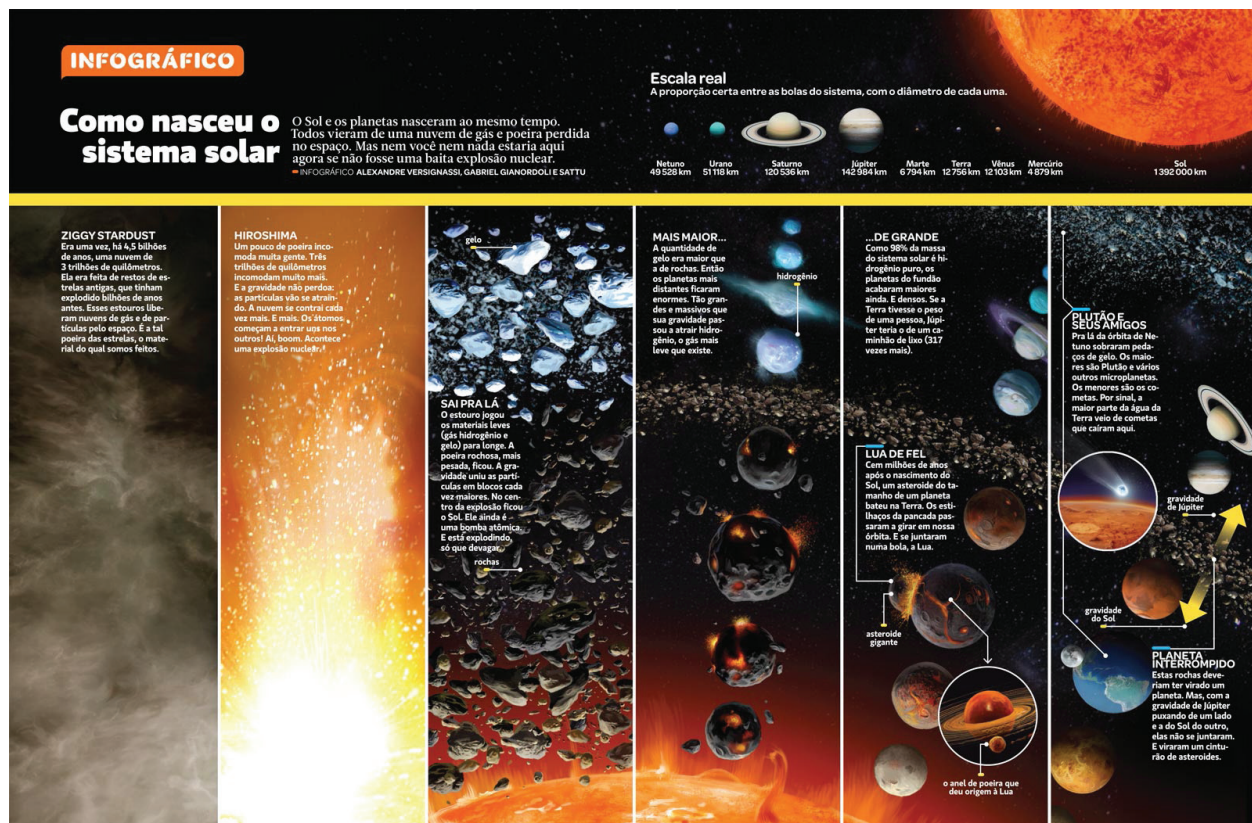


Figura 3. Infográfico *Como nasceu o sistema solar*.
Figure 3. Infographic *Como nasceu o sistema solar*.

Fonte: Revista Superinteressante (Edição 282 – Set./2010).

- No segundo bloco (“*Hiroshima*”), o objeto de discurso é nomeado, por pós-tematização (ou seja, ao final do período), em “uma explosão nuclear”.
- O “*Sol*” (sua formação, mais especificamente) é o tema do terceiro bloco (“*Sai pra lá*”), aparecendo por pós-tematização e, em seguida, retomado para “uma bomba atômica”.
- Os quarto e quinto blocos (“*Mais maior... De grande*”) apresentam a nomeação do objeto de discurso “*planetas mais distantes*”, retomado, em seguida, para “*planetas do fundo*”.
- O sexto bloco (“*Plutão e seus amigos*”), por sua vez, tematiza os “*pedaços de gelo*” que se transformaram (e, por isso, são retomados) em “*Plutão*”, “*vários outros microplanetas*” e “*cometas*”.
- Sob o título “*Planeta interrompido*”, o sétimo bloco apresenta o objeto de discurso “*essas rochas*” que, após a descrição de um pequeno processo de não-junção, é retomado para “*cinturão de asteróides*”.
- No último bloco (“*Lua de Fe!*”), o objeto de discurso retomado é a formação da Lua, que primeiro aparece como “*uma bola*” e, em seguida, é revelada como “*a Lua*”.
- Além dos blocos de informação, também se evidencia a presença de operações de nomeação/tematização nas pequenas legendas que acompanham as ilustrações e se ligam a elas por meio de setas e traços: “*hidrogênio*”, “*asteróide gigante*”, “*o anel de poeira que deu origem à Lua*”, “*gravidade de Júpiter*”, “*gravidade do Sol*”.

A qualificação, operada textualmente por meio da aspectualização, também aparece em todos os blocos e na linha de apoio:

- Na linha de apoio, o adjetivo “*baita*” qualifica o objeto de discurso “*explosão nuclear*”.
- No primeiro bloco, “*de 3 trilhões de quilômetros*”, “*feita de restos de estrelas antigas*”, “*nuvens de gás*” e “*o material do qual somos feitos*” aspectualizam o objeto de discurso “*nuvem/poeira das estrelas*”.
- No segundo bloco, a explosão causada pela contração da nuvem de poeira é qualificada pelo adjetivo “*nuclear*”.
- O terceiro bloco apresenta as qualificações: “*leves*” para “*materiais*”, “*mais pesada*” para “*poeira rochosa*”, “*cada vez maiores*” para “*blocos*” e “*atômica*” para “*bomba*”.
- “*Enormes*”, “*grandes*”, “*massivos*”, “*maiores ainda*” e “*densos*” aspectualizam o objeto de discurso “*planetas mais distantes / planetas do fundo*” nos quarto e quinto blocos.
- No sexto bloco, “*maiores*” qualifica “*Plutão e outros microplanetas*”, e “*menores*” caracteriza os “*cometas*”.
- No sétimo bloco, o adjetivo “*interrompido*” aspectualiza o nome “*planeta*”.
- A locução “*do tamanho de um planeta*” caracteriza o “*asteróide*” que bateu na Terra e provocou a formação da Lua, no oitavo bloco.

O terceiro componente da construção descritiva – localizar-situar – também se materializa no texto, por meio de operações de relação, que oferecem informações sobre tempo e espaço e, além disso, fazem analogias entre seres e objetos:

- Na linha de apoio, a expressão “*no espaço*” adianta todo o quadro referencial no qual se deve compreender a mensagem transmitida pelo infográfico, no que diz respeito, especificamente, à localização dos eventos relatados.
- No primeiro bloco, “*há 4,5 bilhões de anos*” indica a situação dos eventos relatados no tempo.
- No quinto bloco, as expressões “*peso de uma pessoa*” e “*peso de um caminhão de lixo*” estabelecem analogias para que o leitor seja capaz de compreender a dimensão da diferença de massa entre a Terra e Júpiter.
- A informação “*cem milhões de anos após o nascimento do Sol*” situa no tempo a formação da Lua, no oitavo bloco.
- De maneira muito interessante e criativa, os intertítulos que antecedem os blocos operam analogias e recursos de intertextualidade, remetendo (não sem um propósito, por certo) a músicas (“*Ziggy Stardust*” – música de David Bowie), fatos históricos (“*Hiroshima*” – bomba atômica), dizeres populares (“*Sai pra lá*”/“*Mais maior de grande*”), desenhos animados (“*Plutão e seus amigos*” – “*Pluto e seus amigos*”), filmes famosos (“*Planeta interrompido*” – “*Garota interrompida*”).

É importante salientar - já que se trata da análise de um gênero que se caracteriza por integrar texto, imagem e formas - que as ilustrações, com suas cores, formas e impressões de movimento (além das sinalizações com setas e as legendas que as acompanham) contribuem, tanto quanto os blocos de texto, para uma descrição pormenorizada do processo de formação do sistema solar, facilitando e motivando a leitura do infográfico.

Merece atenção à parte o bloco localizado no canto superior direito do material, antecedido pelo intertítulo “*Escala real*”. É bastante perceptível que se trata de uma parte do infográfico responsável por trazer informações extras – escala de proporção entre os tamanhos dos pla-

netas e informações sobre seus diâmetros - a respeito do objeto de discurso central, o sistema solar. É possível comparar essa pequena parte aos boxes que, geralmente, acompanham notícias e reportagens veiculadas na mídia. No caso do material em análise, especificamente, esse “box” se organiza de forma totalmente descritiva, integrando imagens e textos em uma mensagem única, que só pode ser compreendida a partir da leitura e interpretação de ambos.

A análise da organização da lógica e da encenação narrativa presentes no infográfico leva em consideração o atendimento aos quatro princípios postulados por Charaudeau (2014) – *coerência, intencionalidade, encadeamento e localização* –, bem como o *grau de narrativização* do relato (Adam, 2011) e as relações que se estabelecem entre os *parceiros/protagonistas* da troca comunicativa, tendo em vista os espaços externo e interno do dispositivo da encenação narrativa (Charaudeau, 2014).

O princípio de coerência se revela no infográfico à medida que este oferece o relato de uma sucessão *cronológica* de acontecimentos, apresentando, claramente, uma abertura e um fechamento. A narrativa abre no primeiro bloco de texto (*Ziggy Stardust*) – “Era uma vez, há 4,5 bilhões de anos, uma nuvem [...]” –, com os acontecimentos primordiais – os estouros – que deram origem à grande nuvem de poeira estelar. O fechamento, por sua vez, ocorre no último bloco, o qual relata a formação da Lua, “cem milhões de anos após o nascimento do Sol” e dos planetas (já que a linha de apoio esclarece que “O Sol e os planetas nasceram ao mesmo tempo”).

De acordo com o princípio de intencionalidade, a sucessão de ações e eventos de uma narrativa deve ser motivada, ordenada por um processo de busca para resolver uma situação de falta (ver a *Triade de Base*, na seção “O descritivo e o narrativo: modos de organização do discurso e sequências textuais”). No caso da narrativa presente no infográfico em análise, é possível afirmar que o relato do nascimento do sistema solar é motivado, discursivamente, pela intenção dos produtores de explicar ao leitor como surgiram o Sol, a Lua e os planetas. Nesse sentido, verifica-se, por meio do relato, um *processo de busca* pela resposta à pergunta retórica – “Como nasceu o sistema solar?” –, o qual desejavelmente deverá, ao final, obter êxito em suprir uma possível lacuna no conhecimento do público-leitor sobre esse tema científico.

O princípio de encadeamento também é facilmente identificado na narrativa que se estende entre os oito blocos de texto. A cronologia dos acontecimentos relatados é bastante clara e marca a disposição sequencial e em *sucessão* dos acontecimentos, em que a ocorrência de um fato desencadeia a de outro. Assim, a formação e a contração, devido à gravidade, da nuvem de poeira estelar dá origem a uma explosão nuclear que, por sua vez, ocasiona a formação do Sol e dos Planetas; cem milhões de anos depois, um asteroide se choca com a Terra, gerando estilhaços que

se unem e formam a Lua. É possível, ainda, verificar um encadeamento de acontecimentos por *paralelismo* entre o terceiro e o sétimo blocos, os quais se ocupam do relato da formação do Sol e dos planetas, uma vez que, por meio das informações apresentadas na linha de apoio, sabemos que esses componentes do sistema solar se formaram ao mesmo tempo.

A partir dos procedimentos descritivos (já analisados) relativos à ação de localizar-situar, percebem-se a *localização no espaço* (universo, sistema solar, Sol, planetas, Lua, etc.) e a *situação no tempo* (“há 4,5 bilhões de anos”/“cem milhões de anos após o nascimento do Sol”) dos eventos relatados, o que vai ao encontro do princípio de localização da lógica narrativa.

Embora seja possível detectar, discursivamente, uma situação de falta e uma busca pelo seu preenchimento (de acordo com o princípio de intencionalidade e a tríade de base postulados por Charaudeau), no nível do texto, não se pode caracterizar a narrativa em questão como uma sequência tipificada, conforme o modelo quinário proposto por Adam. Poderia tratar-se, portanto, de uma *narrativa-relato* – e não de uma trama –, a qual apresentaria um *baixo grau de narrativização*. Todavia, uma outra leitura pode ser feita se a explosão nuclear, que aparece no segundo bloco de texto (“*Ai, boom. Acontece uma explosão nuclear*”), for considerada como o ápice (ou o “nó”) do relato, responsável por uma mudança de um estado inicial – a grande nuvem de poeira e gás – em um estado final – a formação do sistema solar. Neste último caso, acredita-se ser aceitável conceber a narrativa do infográfico como uma *sequência fracamente segmentada* (Adam, 2011), uma vez que as cinco macroproposições de base (situação inicial, nó, ação/avaliação, desenlace e situação final) não estão bem marcadas na cadeia textual, mas, ao mesmo tempo, é possível identificar uma perturbação que origina uma mudança de estado.

Abordando o último ponto de análise do modo narrativo que (também) organiza o infográfico, a relação entre os parceiros da troca comunicativa nos espaços externo e interno do dispositivo da enunciação narrativa (Charaudeau, 2014), verificam-se os seguintes aspectos:

- *No espaço externo do dispositivo*: levando-se em consideração o suporte (revista de divulgação científica) e as demais condições de produção em que se situa o infográfico e, também, uma pequena pesquisa sobre as credenciais dos autores – Alexandre Versignassi, Gabriel Gianordoli e Sattu –, conclui-se que a equipe responsável pela produção do material – formada por um jornalista, um infografista/*designer* de informação e um ilustrador – instaura-se como um autor-indivíduo (que possui experiência nas práticas do mundo real, porém não apresenta identidade de escritor ou biografia pública de

autor literário); este autor-indivíduo, por sua vez, apresenta um testemunho de uma história contextualizada sócio-historicamente a um leitor-real (representado pelo público-leitor da Revista Superinteressante – a sociedade em geral, não especializada e interessada em ciência), cuja função na troca é a de receber e verificar os fatos contados como verdadeiros.

- *No espaço interno do dispositivo*: a partir da representação objetiva, criada pela história contada no infográfico, de fatos pertencentes à realidade histórica (a formação do sistema solar é um acontecimento real e cientificamente estudado e comprovado), identifica-se um narrador-historiador, que se dirige a um leitor-destinatário, que deve receber e reconhecer a história contada como história real (os fatos e eventos narrados sobre a origem do sistema solar são verdadeiros e atestados pela comunidade científica). É importante lembrar que o narrador-historiador e o leitor-destinatário são seres que se instauram no discurso e, portanto, ao contrário do autor-indivíduo e do leitor-real, não possuem existência e identidade psicossocial.

Após a análise detalhada do modo como operam o descritivo e o narrativo na composição do infográfico *Como nasceu o sistema solar*, fica evidente a relação intrínseca entre as ações discursivas de *descrever* e de *contar*. No caso específico do material analisado, identificam-se procedimentos descritivos – relacionados à nomeação, qualificação, localização no espaço e situação no tempo de seres e objetos – responsáveis por fornecer o contexto e quadro interpretativo para a compreensão da sucessão de ações e eventos construída pela narrativa, que se apresenta como o relato da origem do sistema solar. Em outras palavras, a nomeação dos diferentes objetos de discurso – nuvem de poeira estelar, explosão nuclear, Sol, planetas, microplanetas, cometas, asteroides, etc. – juntamente à sua caracterização em termos de forma, tamanho, peso, massa, tempo e espaço e, logicamente, à sua representação em ilustrações de aparência altamente verossímil seguidas de sinalizações e legendas possibilitam que o leitor visualize e entenda, de forma bastante clara, os acontecimentos narrados.

Contudo, é necessário lembrar que, conforme Charaudeau (2014), *contar/narrar* não é apenas *descrever* uma sequência de fatos ou acontecimentos. Mais do que isso, é necessária a criação de um contexto para essa sequência, no qual haja um contador, investido da intenção de transmitir uma mensagem a um destinatário. No infográfico analisado, percebe-se a presença desse contador – representado, no discurso, pelo narrador-historiador –, que constrói o universo narrado motivado pela intenção de transmitir – neste caso, de *explicar* – um tema da ciência ao leitor não especializado. Entretanto, ao mesmo tempo

em que narra, apresentando-se como testemunha dos fatos relatados, a instância de produção também se instaura como um sujeito que descreve, desempenhando um papel de observador investido de certa objetividade – assim, fica claro, mais uma vez, o caráter discursivamente intrínseco da relação entre os dois modos de organização.

Outra questão que merece atenção – e que justifica o fato de se considerar, neste trabalho, o infográfico investigado como *descritivo* e *narrativo* ao mesmo tempo – é a identificação de um *processo de busca*, implicado no fim discursivo último da publicação de responder ao leitor a possível pergunta “Como nasceu o sistema solar?”, ou seja, de explicar esse tema da ciência ao público não especializado, preenchendo uma lacuna no seu conhecimento científico. No final das contas, portanto, a combinação descritivo + narrativo serve, nesse infográfico, para dar sentido à explicação pretendida e torná-la mais acessível ao leitor.

Resultados e considerações finais

Tendo em vista a análise desenvolvida na seção anterior, finaliza-se este trabalho tecendo-se algumas considerações que se julgam pertinentes.

Em primeiro lugar, acredita-se que esta investigação possa contribuir para o estudo do uso do modo de organização narrativo nos infográficos. Em outras pesquisas, tem sido verificada a predominância da descrição, pura e isolada, nesse gênero discursivo, geralmente para atender a finalidades informativas, explicativas ou prescritivas. A análise que acaba de ser desenvolvida, no entanto, mostra que não se pode classificar o infográfico como um gênero organizado apenas pela descrição (ainda que, na maioria dos casos, esta seja a realidade). Embora as infografias apresentem, em termos visuais, uma organização mais “solta” e flexível do que a de um texto verbal tradicional, fica evidente, a partir desta investigação, que elas também são capazes de comportar uma cadeia textual estruturada em sequência, ordenando a leitura por uma sucessão cronológica de acontecimentos encadeados uns aos outros.

Outra questão, que talvez seja a conclusão principal a que chega este trabalho, diz respeito à já discutida relação entre os modos descritivo e narrativo. Conforme salienta Charaudeau (2014), e a análise aqui realizada comprova, uma narrativa é, inevitavelmente, feita a partir da combinação desses dois modos. Logo, não existe narrativa sem descrição (apesar de o contrário não ser verdadeiro – a descrição não depende da narrativa para adquirir sentido).

Além disso, considerando-se o fim discursivo explicativo do infográfico em questão, a combinação entre os modos descritivo e narrativo parece exercer um papel importante para a própria comunicação da ciência ao público não especializado, à medida que fornece uma base sólida para a compreensão e atribuição de sentido aos conhecimentos científicos.

Em última instância, espera-se que os princípios e ideias apresentados neste trabalho, bem como a análise desenvolvida, colaborem igualmente para a desconstrução de possíveis confusões entre as ações de *descrever* e de *narrar/contar*, ainda alimentadas – infelizmente - pela tradição escolar. Afinal, como afirma Charaudeau (2014, p. 107): “evidentemente, num relato, *descrição* e *narração* se acham intimamente ligadas, mas isso não impede que se considere que cada um destes modos de organização tenha a sua especificidade” (grifos do autor).

Referências

- ADAM, J.-M. 2011. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 376 p.
- CARVALHO, J.; ARAGÃO, I. 2012. Infografia: conceito e prática. *Info-Design: Revista Brasileira de Design da Informação*, 9(3):160-177.
- CHARAUDEAU, P. 2014. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed., São Paulo, Contexto, 256 p.
- DE PABLOS, J.M. 1999. *Infoperiodismo: El periodista como creador de infografía*. Madrid, Editorial Síntesis, 238 p.
- IRACET, E.E. 2014. *Relações retóricas emergentes da inserção de narrativas em notícias de divulgação científica para adultos e crianças*. São Leopoldo, RS. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 95 p.
- IRACET, E.E.; GIERING, M.E. 2015. O narrar para explicar e o narrar para argumentar em artigos de divulgação científica midiática (DCM) para crianças e adultos: a relação entre a dominante sequencial e o macroato de discurso. *Domínios de Linguagem*, 9(5):193-215. <https://doi.org/10.14393/DLE-v9n5a2015-10>
- VERSIGNASSI, A.; GIANORDOLI, G.; SATTU. 2010. Como nasceu o sistema solar. *Revista Superinteressante*. Infográfico. Ed. Abril. São Paulo, edição 282, set. 2010. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/como-nasceu-o-sistema-solar>. Acesso em: 07/06/2016.

Submetido: 14/11/2017

Aceito: 09/07/2018